

Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa
Prova 734 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2017

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Leia o poema.

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prémio pretendia.

- 5 Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

- Vendo o triste pastor que com enganoso
10 lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
dizendo: – Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida.

Luis de Camões, *Rimas*, ed. Álvaro J. da Costa Pimpão,
Coimbra, Almedina, 1994, p. 131.

1. O tema central deste soneto é a fidelidade amorosa.

Justifique esta afirmação, ilustrando a resposta com citações do poema.

2. Indique quatro das características que compõem o retrato psicológico de Jacob. Fundamente a resposta em elementos do texto.

3. Explícite o sentido do quinto e do sexto versos: «Os dias, na esperança de um só dia, / passava, contentando-se com vê-la».

4. Refira a importância que a fala de Jacob assume no soneto, salientando dois aspetos que considere relevantes.

GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Lembra-se muito bem de que era segunda-feira e era novembro, mas isso talvez fosse por causa das castanhas.

«Quem?», disse a última badalada ou a última palavra, longa e forte, a recusar desfazer-se. Depois foi um grande silêncio cheio dos ruídos característicos de todos os silêncios, uma
5 buzina ao longe, um ladrido, uma madeira que estalou de secura, uma tossezinha abafada, um segredo. Quem?

Tudo aquilo durou, deve ter durado, uma eternidade. Quando a própria lembrança da pergunta se esvaiu, as tosses e também o bichanar e o mover dos corpos levezinhos, nos bancos, foram sendo mais fortes. Só o cão se calara. Fora com certeza dar um giro.

10 «Ninguém quer falar?», perguntou então a professora, que era magra e usava uns óculos redondos, muito espessos. «Se ninguém confessa tenho de passar revista às vossas pastas e aos vossos bolsos. Tu!», exclamou de ponteiro em riste, «vem cá. E antes de mais explica como é a caneta. De que cor?»

A miúda sardenta subiu ao estrado e disse outra vez, na sua voz aflautada, que era uma
15 caneta muito bonita que o pai lhe tinha dado no dia dos anos. Preta, era preta e com um nome em letras douradas. Que a tinha na pasta e que depois já lá não estava e que...

«Muito bem, espera aí. Meninos! Tragam cá as vossas coisas. Um por um. Vamos começar por ti.»

20 Estojos abertos sobre a grande e velha secretária cheia de pingos de tinta ressequida, pastas despejadas, bolsos voltados do avesso. Tesouros de cromos, de moedas, de caricas, dois espelinhos, três pentes, canivetes. Um, dez, vinte alunos regressaram aos seus lugares com o ar virtuoso e vitorioso da inocência publicamente reconhecida. Ao vigésimo primeiro a miúda sardenta gritou: «É esta! É a minha caneta, é a minha linda caneta!» E a professora olhou longamente a culpada, disse-lhe que não saísse depois da aula, tinham que ter uma
25 conversa as duas. E entregou o corpo do delito à sua legítima e triunfante proprietária.

Como o seu lugar era na última fila, a ré desceu a coxia central quase sem forças nas pernas. Todos a olhavam e riam dela e diziam coisas que mal percebeu porque estava envolta na pesada capa da sua ignomínia. Nítida só a palavra ladra que ninguém pronunciara mas que nem por isso era menos forte. A professora disse então: «Silêncio, vamos terminar a aula,
30 ainda faltam dez minutos.»

Talvez nunca tivesse sofrido tão intensamente, pensou mais tarde, em tempo de sofrimento adulto e compreensões possíveis. Porque tudo é relativo – e ela, naquele dia, tinha ombros estreitinhos, falta de palavras para se defender, e a firme convicção de que ficaria para todo o sempre com uma marca na testa. E conseguiu pensar o menos possível naqueles minutos,
35 nos que se lhes seguiram. De resto, sempre o fez tão à superfície, tão de passagem, tão de fugida para outros pensamentos, que acabou por não saber ao certo se teria mesmo roubado a caneta ou se alguém a teria metido no seu bolso para a incriminar. Porque num engano – razão que deu à professora e a que se agarrou com unhas e dentes – nunca acreditou muito.

A senhora condenou-a então a pena suspensa. Que por aquela vez... Mas se repetisse...
40 Quando saiu da aula, a fazer-se pequenina, receava o pior. Risos, insultos, pancada, quem

sabe. E ladra, dizia a voz. E ladra. Atravessou os risos e os segredos e deitou a correr pela rua fora, de aflita não pensava, logo não temia, já não. A certa altura veio-lhe um cheiro a castanhas assadas, e avistou, ao fundo da rua, o fumo branco, grosso e aromático que saía da assadeira. Procurou a moeda, sentou-se num degrau a comer, melhor, a devorar. Os problemas graves
45 sempre lhe abriram o apetite.

Maria Judite de Carvalho, «Seta Despedida», *Seta Despedida*, Mem Martins, Europa-América, 1995, pp. 14-17.

NOTAS

em riste (linha 12) – em posição erguida, como se atacasse.
ignomínia (linha 28) – desonra; infâmia.

1. Descreva os sucessivos momentos da intervenção da professora ao longo da ação.
2. «“Quem?”, disse a última badalada ou a última palavra, longa e forte, a recusar desfazer-se.» (linha 3).
Refira a importância da frase transcrita no contexto do episódio narrado.
3. Explícite a reflexão íntima da «ré» sobre a sua própria culpabilidade.
4. Analise o valor simbólico que, no texto, é atribuído às castanhas assadas.

GRUPO III

Tendo em conta a sua experiência de leitura de uma das peças de teatro a seguir apresentadas, caracterize as duas personagens indicadas, bem como a relação que se estabelece entre elas.

- Almeida Garrett
 - *Um Auto de Gil Vicente* – Paula e Bernardim;
 - *O Alfageme de Santarém* – Alfageme e Nun'Álvares.

- Raul Brandão
 - *O Gebo e a Sombra* – Gebo e João;
 - *O Doido e a Morte* – Sr. Milhões e Governador Civil.

- José Cardoso Pires
 - *O Render dos Heróis* – Maria Ricarda e Doutor Silveira.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e cinquenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o nome do autor e o título da peça por si selecionada.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item				Cotação (em pontos)
	1.	2.	3.	4.	
I	20	20	20	20	80
	20	20	20	20	
II	20	20	20	20	80
	20	20	20	20	
III	Item único				40
TOTAL					200

Prova 734

1.^a Fase